

# Necessidades Especiais de Educação

## O Terapeuta Ocupacional em Contexto Escolar



 Direção-Geral da Educação



Gerir, Conhecer e Intervir



## **Ficha Técnica**

### **Título**

Necessidades Especiais de Educação  
O Terapeuta Ocupacional em Contexto Escolar

### **Editor**

DGE - Direção-Geral da Educação  
Direção de Serviços de Educação Especial e de Apoios Socioeducativos

### **Autoria**

CRPG - Centro de Reabilitação Profissional de Gaia

### **Equipa de trabalho**

Jerónimo Sousa (coord.)  
Isabel Costa (coord.)  
Andreia Mota  
Diana Lisboa  
Pedro Quintas  
Sandra Ferreira  
Sérgio Fabela

### **Colaboração**

Associação do Porto de Paralisia Cerebral - Centro de Recursos para a Inclusão

### **Design da Capa**

Isabel Espinheira / Direção-Geral da Educação

### **Impressão**

Editora CERCICA  
Rua Principal 320-320A, Livramento  
2765-383 Estoril

### **ISBN**

978-972-742-390-3

### **Depósito Legal**

399783/15

2015

*Para facilitar a leitura, e apenas quando não é possível adotar linguagem neutra, são utilizados certos termos no masculino para designar, indistintamente, os géneros feminino e masculino.*

## ENQUADRAMENTO

Os Centros de Recursos para a Inclusão (CRI) são reconhecidos como um pilar essencial para a implementação do modelo de educação inclusiva dos alunos com Necessidades Especiais de Educação (NEE)<sup>1</sup>. Suportando a sua ação, os CRI dispõem de equipas técnicas constituídas por fisioterapeutas, psicólogos, terapeutas da fala e terapeutas ocupacionais, entre outros.

Sendo inquestionável o modelo de educação inclusiva, bem como a importância dos CRI, coloca-se então aos seus profissionais a questão-chave sobre o modo de organizar e operacionalizar as suas práticas assegurando uma colaboração alinhada com esse modelo.

Com esta brochura pretende-se clarificar o papel do terapeuta ocupacional enquanto profissional que integra a equipa pedagógica e de apoio ao aluno.

Neste âmbito, a abordagem é centrada no aluno e na interação entre este e os ambientes nos quais participa, visando otimizar o seu potencial de aprendizagem e o seu desenvolvimento integral, promovendo a inclusão.



Fig. 1. Adaptação do Modelo de Bronfenbrenner<sup>2</sup> à interação do aluno com os contextos, nas suas áreas de ocupação

## O TERAPEUTA OCUPACIONAL

O terapeuta ocupacional reconhece que o *estar e participar* em atividades na escola, é uma das principais ocupações das crianças, adolescentes e jovens adultos.<sup>4, 5</sup>

*(...) é o profissional que realiza a avaliação, tratamento e habilitação de indivíduos com disfunção física, mental, de desenvolvimento, social ou outras, utilizando técnicas terapêuticas integradas em atividades selecionadas consoante o objetivo pretendido e enquadradas na relação terapeuta/ utente; prevenção da incapacidade através de estratégias adequadas com vista a proporcionar ao indivíduo o máximo de desempenho e autonomia nas suas funções pessoais, sociais e profissionais e, se necessário, o estudo e desenvolvimento das respetivas ajudas técnicas, em ordem a contribuir para uma melhoria da qualidade de vida.”<sup>3</sup>*

Com o objetivo de dar resposta às necessidades educativas dos alunos o terapeuta ocupacional no contexto escolar procurará:

- Potenciar a participação do aluno nas áreas de ocupação que acontecem em contexto escolar;
- Promover a participação em atividades significativas para o aluno;
- Desenvolver competências de aprendizagem e autonomia;
- Promover a generalização destas competências para os restantes contextos de vida.<sup>4, 5</sup>



Fig. 2. O terapeuta ocupacional tem como objetivo “promover a participação durante a vida através do envolvimento em ocupações”<sup>4, 5</sup>

## O CONTRIBUTO DO TERAPEUTA OCUPACIONAL NAS FASES DE AVALIAÇÃO, PLANEAMENTO E INTERVENÇÃO

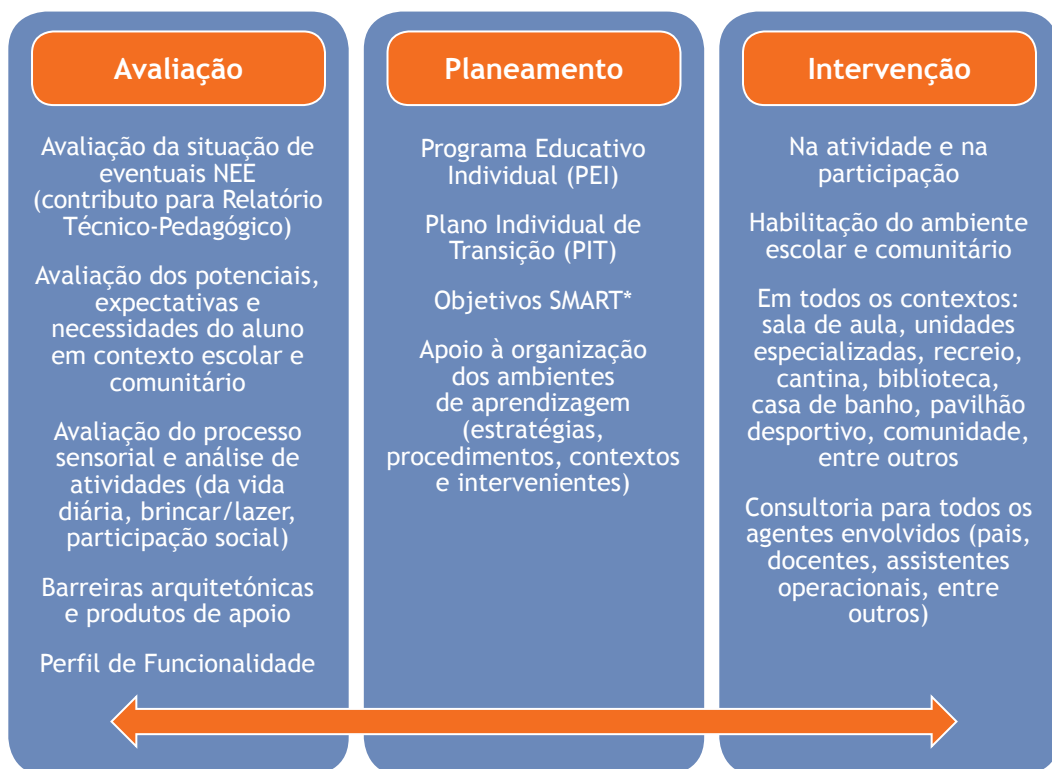


Fig. 3. Processo de participação do terapeuta ocupacional em contexto escolar  
\* Objetivos Específicos, Mensuráveis, Alcançáveis, Realistas, Temporais

A avaliação e intervenção nos reais contextos de vida do aluno asseguram:

- a melhor **compreensão dos seus potenciais**,
- a **generalização das aprendizagens**,
- a **eliminação de barreiras**,
- a **universalidade das estratégias facilitadoras da participação**.

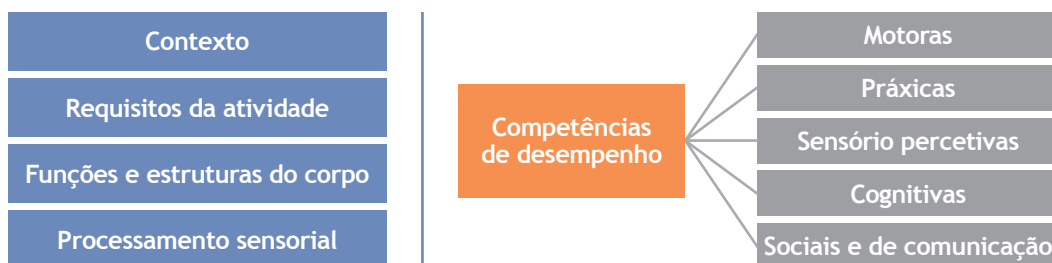


Fig. 4. Fatores que influenciam as competências de desempenho<sup>3, 4, 6</sup>

## TRABALHO EM EQUIPA

Sob um paradigma inclusivo que prevê a igualdade de oportunidades, preconiza-se o trabalho em equipa onde todos os intervenientes, na sua especificidade, se complementam de forma a desenvolver uma perspetiva holística do aluno e a delinear e implementar abordagens e metas comuns.

O aluno fará parte desta equipa, sempre que possível, envolvendo-se na definição de objetivos e de estratégias.

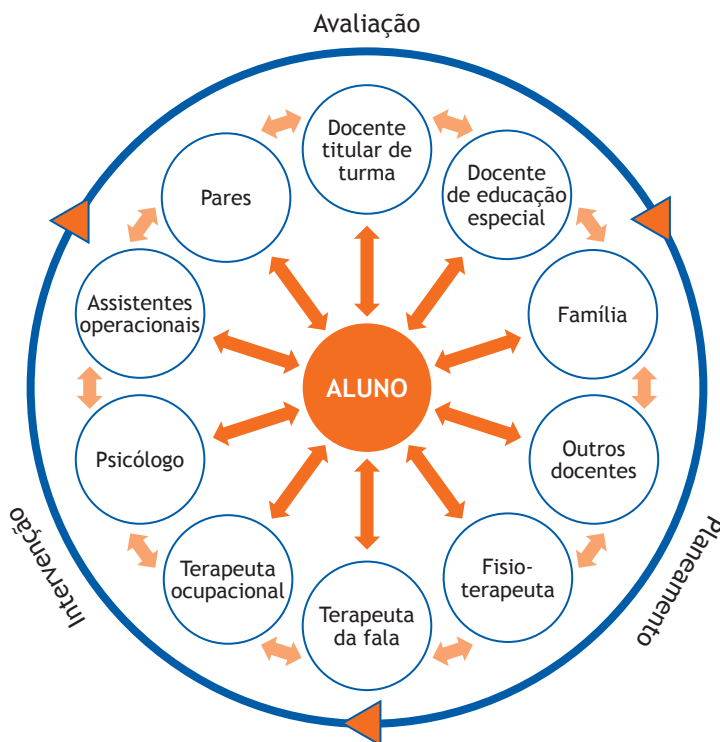


Fig. 5. Modelo colaborativo<sup>7</sup>

### Exemplo

O terapeuta ocupacional, enquanto membro da equipa pedagógica, contribui para a discussão de estratégias relacionadas com as competências de desempenho e na sua relação com os fatores contextuais.

### Procedimentos/ estratégias:

- Compreender como o aluno executa as atividades/ tarefas (análise de atividades) de vida diária que decorrem em contexto escolar, que tipo de competências de desempenho (motoras, práxicas, sensorio-perceptivas) utiliza, de que forma são utilizadas, e que tipo de barreiras/ facilitadores existem ao seu desempenho.
- Definir um programa educativo que identifique as competências de desempenho a serem trabalhadas, os suportes necessários, as oportunidades a serem criadas no quotidiano para a integração e generalização das aprendizagens e as estratégias a implementar nos ambientes em que a participação ocorre.

### Resultados:

- Desenvolvimento do potencial de autonomia nas atividades de vida diária que decorrem em ambiente escolar (refeições, higiene, entre outras), em múltiplos contextos e com múltiplos parceiros.

## MODALIDADES DE INTERVENÇÃO

O terapeuta ocupacional aplica o seu conhecimento e as competências específicas da sua valência baseado na evidência científica, de modo a permitir o melhor desempenho do aluno em interação permanente com os fatores do contexto.<sup>6</sup> A intervenção poderá ser desenvolvida em três modalidades distintas: apoio de consultoria, apoio em grupo e apoio individual.

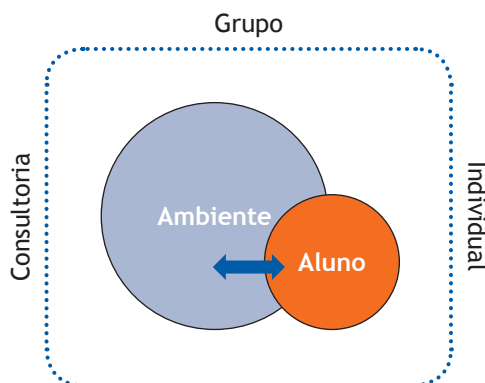


Fig. 6. Modalidades de intervenção da equipa interdisciplinar no contexto escolar



## Modalidades de intervenção em contexto escolar

	Quando?	Como?	Onde?	Exemplos
Consultoria	Sempre que o âmbito de atuação passe pelo apoio de retaguarda a pais, pares e profissionais	Trabalho colaborativo com os agentes educativos Estratégias formais e informais: reuniões, ações de formação, conversas informais, contactos telefónicos e por <i>e-mail</i>	Em sala de reuniões/formação e nos restantes contextos escolares, entre outros	Ações de sensibilização sobre o processamento sensorial
Grupo	Sempre que o desenvolvimento das competências passe pelo contributo dos pares	Dinâmicas de grupo Dinâmica de pares/tutoria	Sala de aula, recreio, cantina, entre outros	Orientação de atividades em contexto de recreio, com o intuito de desenvolver competências específicas (sociais, motoras - integração bilateral, coordenação e equilíbrio e processamento vestibular ou tátil)
Individual	Apenas para desenvolver competências específicas com o objetivo de serem generalizadas	Treino de competências (perceção visual, motricidade fina, processamento proprioceptivo, vestibular, tátil, Atividades da Vida Diária)	Sala de aula, sala de apoio, recreio, biblioteca, pavilhão desportivo, casa de banho, entre outros	Realização de exercícios específicos para coordenação óculo-manual, perceção visual, discriminação tátil ou adequação da preensão do lápis

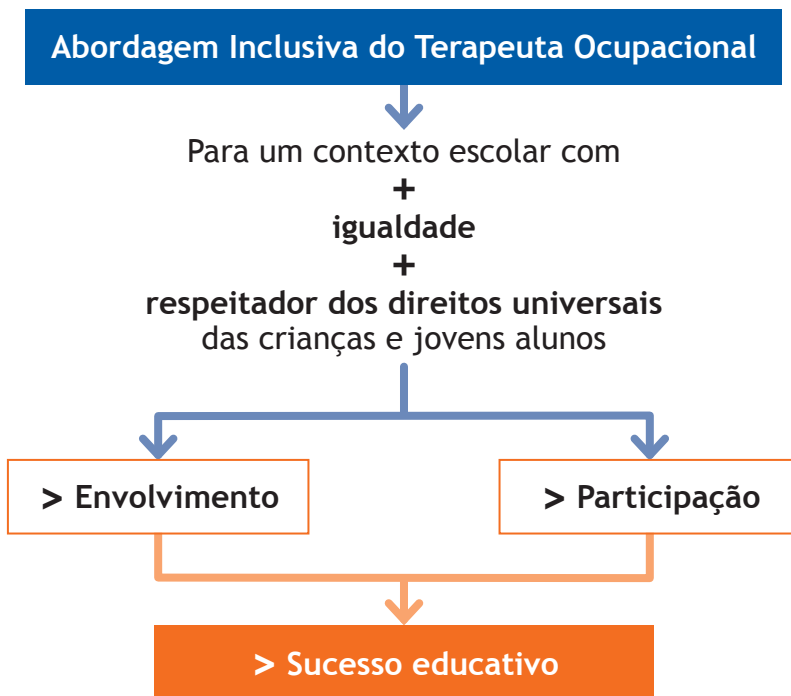
Fig. 7 Modalidades de intervenção do terapeuta ocupacional em contexto escolar

### Exemplo

O terapeuta ocupacional contribui para a melhoria no desempenho das atividades académicas pela facilitação da participação do aluno nas atividades de brincar (lazer):

- **Apoio de Consultoria:** informação sobre a influência das competências utilizadas durante o brincar, na aprendizagem e execução de atividades académicas; identificação das dificuldades existentes no planeamento e execução de atividades académicas e de lazer; partilha e discussão de estratégias sensoriais a aplicar em contextos de sala de aula e recreio (permitir atividades de movimento entre as tarefas académicas, estratégias visuais para sequenciação das tarefas e estratégias táteis para facilitar a concentração).
- **Apoio de Grupo:** sugestão e dinamização de atividades de grupo em contexto de recreio, que proporcionem estimulação tátil, proprioceptiva e vestibular (ex.: saltar à corda, jogo da macaca, jogos de imitação) tendo em vista o desenvolvimento de processamento sensorial e competências praxicas (ideação, planeamento, sequenciação e execução).
- **Apoio Individual:** identificação das necessidades sensoriais e discussão de estratégias sensoriais com o aluno, criação de espaços (ex.: snoezelen ou espaço resguardado), momentos (pausas para movimentação) e materiais (objetos para manipular, assentos dinâmicos), necessários para a regulação através de estímulos sensoriais.

**Resultados:** Sistematização e introdução das estratégias no cotidiano do aluno; capacitação dos agentes educativos e pares para a facilitação da participação do aluno em atividades de brincar e acadêmicas; promoção do processamento e regulação sensorial; possibilidade de generalização para outros contextos (em casa, na comunidade).



A melhoria contínua do funcionamento da parceria entre os Agrupamentos de Escolas/Escolas e os CRI corresponsabiliza os profissionais no sentido de desenvolverem e registarem práticas baseadas em evidências científicas.

1. Sousa, Jerónimo; Mota, Andreia; Dolgner, Joana; Teixeira, Pedro; Fabela, Sérgio. (2014). *Avaliação das Políticas Públicas - Inclusão de Alunos com Necessidades Educativas Especiais: O Caso dos Centros de Recursos para a Inclusão*. Centro de Reabilitação Profissional de Gaia.
2. Johnson, E. S. (2008). Ecological Systems and Complexity Theory: toward an alternative model of Accountability in Education. *International Journal of Complexity in Education*.
3. Diário da República. (21 de Dezembro de 1999). Decreto-Lei nº 564/99.
4. Pape, L., Ryba, K., & Case-Smith, J. (2004). *Practical Considerations for School-based Occupational Therapists*. Montgomery Lane: AOTA Press.
5. Hinojosa, J., & Kramer, P. (1997). Fundamental concepts of occupational therapy: Occupation, purposeful activity and function. *American Journal of Occupational Therapy*, 864 - 866.
6. Roley, S. S., DeLany, J. V., Barrows, C. J., Brownrigg, S., Honaker, D., & Sava, D. I. (2008 Novembro/Dezembro). Occupational therapy practice framework: Domain & Process 2nd edition. *The American Journal of Occupational Therapy*, pp. 625-683.
7. Friend, M., & Cook, L. (2000). *Interactions: collaboration skills for school professionals*. New York: Addison Wesley Longman.



